



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Curso: Comunicação Organizacional
Prof.^a Orientadora: Elen Gerales

LIGUE PARA A AULA, DESLIGUE O CELULAR

PEDRO RODRIGUES RAMOS

BRASÍLIA

2016

PEDRO RODRIGUES RAMOS

LIGUE PARA A AULA, DESLIGUE O CELULAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional.

Orientadora: Profa. Dra. Elen Cristina Geraldes

BRASÍLIA

2016

PEDRO RODRIGUES RAMOS

LIGUE PARA A AULA, DESLIGUE O CELULAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional.

Orientadora: Profa. Dra. Elen Cristina Geraldes

Aprovado em __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Elen Geraldes

Prof.^a Luísa Montenegro

Prof.^a Marcia Marques

BRASÍLIA

2016

“Enquanto a mensagem de celular me chama,

a vida reclama,

e eu escolho colocar o mundo

no modo silencioso.”

(Pichação anônima)

Dedico este trabalho de conclusão da graduação aos meus pais, irmã, familiares, orientadora e amigos que muito me incentivaram durante a produção e ajudaram para que fosse possível a concretização deste projeto.

Dedico também ao curso de Comunicação Organizacional por me dar as ferramentas necessárias e abrir meus horizontes quanto ao assunto relatado neste trabalho e me motivar a pensar melhor sobre uma prática recorrente.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo amor, pelo incentivo na escolha do curso de Comunicação Organizacional e apoio incondicional em sua duração.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração pela oportunidade de estudar e viver em uma instituição de ensino tão prestigiada e influente na América Latina.

A minha orientadora Doutora Elen Geraldês, pelo suporte e incentivo, pelas suas correções e atenção.

E a todos os colegas e amigos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

RESUMO

Os usos e abusos do celular em sala de aula têm sido estudados pela Educação e pela Comunicação, sobretudo nos ensinos fundamental e médio. Nesta monografia, o objetivo geral é analisar as percepções sobre tais usos e abusos entre estudantes e docentes da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, bem como estratégias e pactos para lidar com esse dispositivo, com ganhos para o ensino-aprendizagem. O método utilizado foi o dialético, e a pesquisa, de caráter exploratório, foi realizada por meio de entrevistas e questionários. Os resultados confirmam o que já havia sido apontado pelas leituras precedentes: muitos estudantes o utilizam para apoiar as aulas, ao pesquisarem conteúdo e interagirem com os colegas e docentes, mas a incorporação de seu uso didático pelos docentes, embora defendida, ainda não se materializa; acredita-se que ele provoque muita dispersão; a proibição é contestada, seja por sua eficiência, necessidade ou viabilidade; é necessário pensar a aula como uma construção coletiva, de responsabilidade de alunos e professores. Por fim, os resultados apontam para novas perguntas: como os celulares remodelam nossa atenção? Como se educar para Comunicação em um mundo em que esses dispositivos são atores fundamentais?

Palavras-chave: Comunicação. Cibercultura. Celular. Faculdade de Comunicação da UnB.

ABSTRACT

The uses and abuses of the cell phone in the classroom have been studied by Education and Communication, especially in primary and secondary education. In this monograph, the general objective is to analyze the perceptions of such use and abuse among students and faculty of the School of Communication at the University of Brasilia, as well as strategies and agreements to deal with this device, with gains for teaching and learning. The method was dialectical, and the research, exploratory, and they were performed through interviews and questionnaires. The results confirm what had already been pointed out by previous readings: many students use it to support the lessons, to search for content and interact with fellow students and professors, but to incorporate its didactic use by teachers, although defended, it's not being materialized yet; it is believed that it causes much dispersion; the ban is challenged, either by its efficiency, necessity or viability; It is necessary to think of the class as a collective construction, a responsibility of students and teachers. Finally, the results point to new questions: how cell phones remodel our attention? How to educate ourselves for Communication in a world in which these devices are key actors?

Keywords: Communication. Cyberculture. Cell Phone. UnB School of Communication.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 Capítulo 1- OUTROS OLHARES.....	12
3 Capítulo 2- OS CAMINHOS DO MÉTODO	27
4 Capítulo 3- DESVENDANDO O SILÊNCIO	32
4.1 QUESTIONÁRIO	32
4.1.1 IDENTIFICAÇÃO DOS PARTICIPANTES.....	33
4.1.2 IDENTIFICAÇÃO DO USO	33
4.1.3 IDENTIFICAÇÃO DO IMPACTO	36
4.1.4 IDENTIFICAÇÃO DA INTEGRAÇÃO	37
4.2 ENTREVISTAS COM ESTUDANTES	38
4.3 ENTREVISTAS COM PROFESSORES.....	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICE A – Questionário.....	52

1 INTRODUÇÃO

O uso do celular em ambiente escolar ainda é um tema pouco explorado em pesquisas acadêmicas, embora seja uma situação recorrente nas salas de aula. Do ensino fundamental à graduação é observado o embate entre professor e tecnologia pela atenção do aluno. São mensagens do *Facebook*, apelos do *WhatsApp*, vídeos interessantes do *Youtube*. Minutos preciosos da aula se vão, e os professores, muitas vezes, parecem ressentidos e desanimados com uma concorrência desleal. A maioria dos estudos sobre o assunto deixa de lado o ensino superior, talvez pela premissa de que estudantes universitários têm maturidade para saber como e quando usar o celular.

Essa autonomia advinda de uma suposta sabedoria, porém, é muito questionável. Lembro-me de uma palestra durante a graduação em Comunicação Organizacional na Universidade de Brasília. A palestrante era uma importante pesquisadora da área, e me encantei com sua abordagem original do conteúdo. Mas, quando olhei ao redor, fiquei chocado com a falta de atenção dos meus colegas. Quase todos estavam no celular, alguns digitavam vigorosamente, outros simplesmente tocavam a tela, sorriam, balançavam a cabeça, interagiam com as mensagens. Pareciam habitar em um mundo próprio, no qual aquela palestra era uma interferência nebulosa.

Diante dessa inquietude, foram adotados como objeto de pesquisa os limites e possibilidades do uso do celular em sala de aula, a partir das percepções de professores e estudantes do curso de Comunicação da Universidade de Brasília. As justificativas para a escolha deste objeto são a relevância social – os celulares constituem a mais importante e acessível tecnologia de informação e comunicação para a maioria dos brasileiros, segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia (2015) e o ineditismo acadêmico, sobretudo na área de Comunicação.

As perguntas-problemas desta monografia são: como e por que o celular é usado pelos estudantes durante a aula? É possível fazer do celular um aliado em sala de aula, e não um adversário?

Para responder a essas perguntas, ouviremos um grupo de usuários e de estudiosos desta tecnologia, os estudantes dos três cursos de

comunicação, Jornalismo, Comunicação Social e Comunicação Organizacional e professores do curso de Comunicação Organizacional da UnB. A escolha deste universo deve-se, sobretudo, à aparente contradição: esta tecnologia é estudada pela Comunicação, mas aparentemente continua a exercer sobre seus pesquisadores o mesmo encanto e o mesmo domínio que exerce em quem é “leigo”. Dessa forma, nossos objetivos ficam assim delimitados:

- a) Compreender como e por quê ocorre o uso de celulares em aulas dos cursos de Comunicação da Universidade de Brasília;
- b) Verificar a percepção dos estudantes sobre esse uso;
- c) Analisar as percepções e experiências de docentes sobre o uso de celular em sala de aula;
- d) Resgatar contribuições de duas áreas sobre o tema: Comunicação e Educação;
- e) Apontar sugestões para a realização de pactos em sala de aula, de modo que os ricos conteúdos e vivências da universidade não sejam prejudicados.

Esta monografia está dividida em três capítulos. No primeiro, é realizada uma fundamentação teórica ancorada na Comunicação e na Educação. A seguir, são apresentados os procedimentos metodológicos que, em diálogo com as questões–problema, permitirão atingir os objetivos. No terceiro capítulo, ocorre o relato das entrevistas e questionários realizados com estudantes e docentes e a análise das percepções dos dois grupos à luz das teorias escolhidas. A seguir são apresentadas as considerações finais.

2 Capítulo 1

Outros olhares

Neste capítulo, serão apresentadas as leituras que nos ajudarão a responder as questões-problema e a atingir os objetivos propostos. Analisaremos estudos de temática similar, nas áreas de Comunicação e Educação, com a finalidade de encontrar pistas, conceitos e pressupostos fundamentais para a construção desta monografia. Há uma predominância de artigos sobre outros gêneros de textos científicos, que atribuímos sobretudo à novidade da temática, que ainda não permitiu que fossem realizados estudos de fôlego mais longo. Destacam-se sobretudo estudos de caso e relatos de experiências.

Para entender a inserção dos dispositivos móveis de telefonia, os celulares, e seus impactos em sala de aula, temos de defini-los e justificar sua escolha. Por celular, entendemos aqui o aparelho cuja função se soma e até se sobrepõe à de realizar ligações, pois permite o acesso às mídias sociais e às mídias sociais. Preferimos estudá-lo em detrimento de outros dispositivos móveis como *tablets*, *netbooks* e *notebooks* porque estes podem até ser compreendidos como material escolar acessório que permite a substituição de cadernos, por exemplo, e facilita a realização de trabalhos acadêmicos. Muitas vezes, porém, o estudante pode simplesmente utilizar o *notebook* para postar mensagens nas mídias sociais, e não observações sobre a aula, bem como é possível que um estudante tecendo furiosamente em seu celular esteja fazendo anotações sobre o conteúdo da disciplina ou usando o dispositivo para planejar atividades de ensino e pesquisa. Para fins de recorte, porém, escolhemos elaborar uma reflexão sobre o celular.

Segundo Diego Weigelt (2013), docente no Curso de Comunicação Social da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), no artigo intitulado “Os Jovens e o Celular: o Poder da Comunicação Móvel”, o uso do celular como meio de comunicação foi incorporado de forma rápida na rotina das pessoas, de maneira nunca antes vista com outras tecnologias. Weigelt cita que, por meio do celular, foi criado um sistema que permite a comunicação a qualquer instante e em qualquer lugar, o que provocou mudanças nas relações

interpessoais, diminuindo distâncias e possibilitando novas formas de interação.

Para o autor, o celular assume o papel de plataforma de comunicação individualizada, baseada na troca de informações com pessoas com as quais já se tem laços pré-determinados. Portanto, o celular, entre outros atributos e funções, permite que

[...] ao enviar ou receber informações pode-se criar e recriar a mensagem, adaptando-a da melhor forma para quem a receberá. Essa mensagem através do celular, produzida de pessoa para pessoa, é otimizada e personalizada, sendo que tem longo alcance e interatividade. (WEIGELT, 2013, p.4)

A pesquisa problematiza as particularidades deste novo meio de comunicação em relação aos meios de comunicação tradicionais, citando três principais vantagens: a mobilidade, característica dita como a intrínseca, que se refere à facilidade de se deslocar com o aparelho; a simultaneidade, relacionada à aceleração do fluxo de informação e comunicação; e a individualidade, que segundo o autor é apenas aparente:

[...] a interação e o consumo se dão material e fisicamente apenas entre jovem-tecnologia, no entanto a conexão permitida pela comunicação móvel e pela Internet colocam o indivíduo virtualmente em rede (rede social digital, por exemplo, através dos sites de redes sociais, como Facebook e Twitter, ou em contato com outros jovens por sons, ligações e vídeo-chamadas). (WEIGELT, 2013, p.8-9)

O autor conclui que o dispositivo permite estar conectado/desconectado, no qual a pessoa está conectada ao ambiente virtual, às mídias sociais digitais, mas desconectada da realidade à sua volta, em um contexto físico. Ele afirma que o celular,

[...] por ser um dispositivo caracterizado pela portabilidade, pela mobilidade, logo por ser de tamanho pequeno em comparação a outros meios, os jovens o utilizam de forma individualizada – interação jovem-aparelho –, onde se cria um mundo à parte e se presta mais atenção no que é visto, ouvido, em suma, consumido naquele momento através do celular. (WEIGELT, 2013, p.9)

Ainda segundo Weigelt:

Os jovens atualmente têm características e vontades marcadas pelas revoluções tecnológicas e pela Internet, que modificam o modo de vida através de uma comunicação mais eficiente e instantânea. Por isso, não é problema para os jovens a adaptação aos novos meios eletrônicos, que tem a missão de constantemente ampliar a informação (WEIGELT, 2013, p.9)

Por fim, o autor afirma que existe um deslumbramento pelas novas tecnologias, pela intensidade da interação entre o virtual e o real. Esse deslumbramento dos usuários vem da capacidade de estar inserido em um mundo que muda a toda hora. Todos querem ter poder de falar e serem ouvidos, e o celular se torna um meio no qual esse desejo aparentemente se realiza.

Um estudo muito original, já que realizado com estudantes universitários, e de grande amplitude, Mihailidis (2014) avaliou como 800 alunos de 52 nacionalidades usam o celular em oito universidades de México, Estados Unidos, Eslováquia, Inglaterra e Líbano. Entre as universidades participantes, estavam Emerson College em Boston, University of St. Cyril and Methodius em Trnava, Bournemouth University em Bournemouth, Universidad Iberoamericana na Cidade do México, American University of Beirut em Beirute, University of Maryland em College Park, Hofstra University em Hempstead e Florida International University em Miami. Foram monitoradas 24 horas dos estudantes, em seguida foram realizadas entrevistas acerca da experiência.

O estudo destaca que apesar de contar com um número alto de aplicativos à disposição, os alunos só usaram alguns dos aplicativos instalados no celular. A grande maioria da amostra teve 16 ou mais aplicativos em seus telefones móveis, mas utilizou de 3 a 4 aplicativos regularmente durante o tempo do estudo. Os aplicativos das mídias sociais *Facebook* e *Twitter* dominaram em todos os aspectos o uso do celular como busca por informação e meio de comunicação. Para consumir, compartilhar, expressar e produzir todos os tipos de informação, essas duas mídias sociais tiveram uma presença dominante e homogênea. O compartilhamento de informações e comentários nas páginas de outras pessoas nas mídias sociais foi feito com mais frequência do que o consumo de informação jornalística.

Em todos os casos, os alunos participantes estavam usando o e-mail menos do que as mídias sociais, envios de mensagens de texto ou ligações. A leitura de artigos com os celulares ainda é um hábito em desenvolvimento. Os participantes, ao mesmo tempo que reconhecem o mal-uso do celular, afirmam cruzar com *hiperlinks* de notícias mais do que em qualquer outra plataforma, mesmo que eles não cheguem a ler a notícia que encontraram. Os participantes que mais usam o celular afirmam que usam o *Twitter* como forma de encontrar notícias.

Nas reflexões feitas pelos alunos, a palavra vício foi usada mais de 80 vezes. Muitos alegaram que seria "impossível" passar um dia sem o celular. Os estudantes relataram, de forma consistente, um sentimento de ansiedade quando tinham posse dos celulares, mas não eram autorizados a usá-los.

Dos 10% da amostra que não possuem *smartphones* (equipamentos que permitem acesso às redes e mídias sociais), a maioria não foi por falta de interesse. Os alunos que não possuíam *smartphones* mencionaram razões financeiras ou pais que não permitiam o uso como motivos. Aqueles que fizeram a escolha de não ter esses equipamentos os consideraram "inúteis", "superficiais", um "desperdício". Além do mais, consideraram "triste" ver pessoas viciadas neles.

Para os estudantes, aplicativos são amplamente vistos como ferramentas organizacionais e de lazer. São utilizados principalmente para olhar como está o clima, mapas, ofertas de compras e mídias sociais. Eles raramente são usados para ler notícias ou textos. Por fim, a pesquisa relata que os estudantes das diferentes nacionalidades geralmente usam o celular da mesma forma e para fazer as mesmas coisas. O *Facebook* e o *Twitter*, acima de tudo, são as principais ferramentas para os participantes.

Já Carvalho (2008), professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), discute o celular como um novo campo de investigação da comunicação, condutor de linguagens simultâneas e interativas, em um contexto de produção de conteúdo.

Para a autora, os meios devem ser analisados como metáforas, capazes de descrever a experiência do homem para novos formatos, incentivando uma necessidade de identificar qual a metáfora essencial

representada pelo celular e, junto com ela, outras formas de explicar a profusão de novos recursos e dispositivos midiáticos que a tecnologia digital nos disponibiliza hoje.

É através da tradução da experiência sensorial que o homem pode evocar e recuperar o mundo a qualquer momento. A comunicação só se efetiva por meio de uma extensão condutora. Identificar a metáfora que traduza as palavras da tecnologia não parece ser tão fácil, no entanto, a experiência ensina que bons resultados costumam decorrer de questões simples. (CARVALHO, 2008, p.2)

Segundo o texto, a ideia de meio é descrita como o “processo de chegar-se a uma coisa através de outra” (CARVALHO, 2008, p.3), e isso adequa-se ao conceito do celular como meio de comunicação. Para Carvalho, embora o aparelho seja inicialmente compreendido como uma forma de manter ou estabelecer contato, e depois como tráfego ou fluxo de mensagens, cada vez mais o dispositivo se afirma em suas outras possibilidades:

O próprio meio celular não se restringe apenas a uma mera transmissão de voz, ele é capaz de produzir conteúdos, reproduzir, armazenar, transmitir, conectar-se à internet. Precisamos então, equacionar melhor outros termos irmanados com a expressão “meio de comunicação”, tais como: medium, media e mídia. (CARVALHO, 2008, p.2)

Carvalho afirma que a partir do conceito do celular como meio de comunicação, é criado um nicho teórico da cultura contemporânea que precisa ser mais explorado. Para a autora, deve-se entender a cultura da mobilidade trazida pelo celular como personalizada e interativa.

Os pesquisadores Louis-Philippe Beland e Richard J. Murphy (2014), professores de Economia da London School of Economics and Political Science (LSE), desenvolveram um estudo sobre o impacto dos celulares nas salas de aula do ensino fundamental no Reino Unido. Seu foco era entender como a tecnologia pessoal realmente interfere no rendimento acadêmico de um aluno.

Para o estudo, foi realizado um levantamento das políticas sobre o uso do celular em sala de aula em quatro cidades da Inglaterra (Birmingham, Leicester, Londres e Manchester). Foram enviadas mensagens para escolas em cada uma dessas quatro cidades com um conjunto de perguntas sobre as

políticas, que envolviam desde o histórico das primeiras regras, mudanças nas normas, características das punições e eficácia dos resultados. As escolas podiam tanto responder por e-mail quanto visitar o site da pesquisa no qual também podiam ser encontradas as perguntas.

Ao final do processo, foram recebidas respostas de 90 escolas. Em geral, a maioria das escolas implementou uma política sobre o uso do celular entre os anos de 2006 e 2010. De início, a pesquisa revelou que a regra mais rígida era a proibição total do uso. O telefone deveria ser entregue à recepção no início do dia escolar ou estar desligado durante todo o período de aulas. As outras escolas adotavam regras mais flexíveis, apresentando situações em que os celulares tinham o uso restrito de alguma forma, mas não proibido. Podiam ficar em modo silencioso e usados eventualmente. Ao fim, cerca de dois terços da amostra de escolas impôs uma proibição total em vez de uma política menos rigorosa.

Além disso, foram observadas poucas mudanças substanciais nas regras da amostra. Houve três casos de escolas que flexibilizaram o uso e apenas um caso em que o uso foi totalmente proibido. Após isso, foi desenvolvido um algoritmo para comparar e calcular a diferença de rendimento acadêmico dos alunos ao passar dos anos em escolas que proibiam totalmente o uso do celular em sala de aula e em escolas que tinham maior flexibilidade.

Foi concluído então que houve um aumento no desempenho do estudante depois da introdução de políticas restritivas quanto ao uso do celular. Além disso, não foram encontrados indícios de impacto significativo da flexibilização do uso. Os resultados sugerem que os *smartphones* causam distração e atrapalham o aprendizado e introduzir uma proibição ajuda a acabar com o problema. Os resultados também sugerem que os estudantes com desempenho escolar inferior foram os maiores beneficiados pela proibição, já que são mais propensos a se distrair durante as aulas. O estudo não mostrou nenhum impacto significativo sobre os resultados dos testes de alunos com bom rendimento acadêmico.

Em 2013, a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) divulgou suas Diretrizes Políticas para a Aprendizagem Móvel. Essas políticas fornecem um roteiro e uma exposição de motivos para

formuladores de políticas e outras pessoas que buscam transformar os celulares, cada vez mais presentes em todos os lugares, em ferramentas da educação.

Essas diretrizes descrevem os benefícios específicos da aprendizagem móvel e articulam estratégias para desenvolver ambientes que permitam que esses benefícios criem raízes e cresçam. No texto, afirma-se que as tecnologias móveis alteraram fundamentalmente a forma de vida das pessoas. Com decisões políticas sólidas, elas também poderão melhorar o modo como as pessoas aprendem.

Esse conjunto de diretrizes visa auxiliar os formuladores de políticas a entender melhor o que é aprendizagem móvel e como seus benefícios podem ser usados como incentivo para a educação. Desenvolvidas em consulta com especialistas em mais de 20 países, essas diretrizes têm ampla aplicação e podem se ajustar a um vasto leque de instituições, incluindo pré-escolas, escolas de ensino fundamental e médio, universidades, centros comunitários, e escolas técnicas e vocacionais.

Sugere-se aos formuladores de políticas que adotem as recomendações de políticas da Unesco, ajustando-as conforme necessário, para refletir as necessidades particulares e específicas de cada local.

O estudo comenta sobre o conceito de aprendizagem móvel e seus benefícios para a educação, destacando a aprendizagem individualizada e fornecendo retorno e avaliação imediatos. Os professores podem utilizar a aprendizagem móvel para expandir o alcance da educação fornecendo conteúdo a qualquer hora e em qualquer lugar, inclusive assegurando o uso produtivo do tempo em sala de aula. A aprendizagem móvel engloba ainda a criação de novas comunidades de estudantes, proporcionando uma maior interação entre eles. Essa interação promove uma ponte entre a aprendizagem formal e a não formal.

O guia comenta ainda sobre a responsabilidade das instituições de ensino acerca da aprendizagem móvel. Deve haver um treinamento de professores sobre como avançar a aprendizagem por meio da tecnologia. Uma das questões fundamentais para o processo, que deve ser apoiado pela instituição de ensino, é a criação e aperfeiçoamento de conteúdos educacionais para uso em celulares. Segundo o texto, o modelo tradicional

não é eficaz em incluir o celular na sala de aula, comumente exigindo uma adaptação, nem sempre positiva. Por isso, o documento da Unesco adverte que deve haver uma criação específica de conteúdos baseados no uso do celular em sala de aula.

No artigo “As diversas mídias e o uso do celular na sala de aula”, as autoras Ângela Cristina Loureiro Junquer, professora da Escola Estadual Gustavo Marcondes em Campinas (SP), e Elizena Durvalina de Souza Cortez (2010), professora do Colégio Notre Dame em Campinas (SP), discutem o modelo atual de ensino e sua relação com o celular. Elas descrevem como a escola pode ampliar o conceito de leitura para as novas mídias, que incluem leitura escrita, visual, audiovisual, hipertextual e multimidiática.

As pesquisadoras destacam que alfabetizar não consiste em se conscientizar apenas dos códigos da língua falada e escrita, mas também dos códigos de todas as linguagens do homem atual e da sua interação com o meio em que vive. A escola deve ser também uma instituição fomentadora de leitura, que viabilize a participação do aluno como leitor, que busque posições firmes e, ao mesmo tempo, se mostre disposta a debatê-las e transformá-las. A instituição de ensino deve garantir ao aluno a possibilidade de utilizar novos recursos tecnológicos inseridos em seu cotidiano, buscar o que é recorrente. As autoras destacam como a preocupação com a leitura é antiga, mencionando que pensar o passado como necessariamente melhor é um engano, uma vez que hoje, segundo elas, lemos mais do que nos anos 1950, inclusive porque as novas tecnologias não são veículos apenas para imagens ou jogos, mas são responsáveis também pela inserção das pessoas nesse novo contexto de leitura.

As autoras discutem também como a escola precisa se adequar para ser mais atrativa e interessante e não se manter presa a lugares e tempos determinados: salas de aula, calendário escolar, grade curricular, modelos pedagógicos centrados no professor. É destacado que nas escolas, em todos os níveis, predomina a mesmice, com um verniz de atualidade.

Também é discutida a necessidade de o professor diminuir o seu papel de informador de conteúdo e organizar projetos que incorporem outros suportes de leitura, que acompanhem a necessidade de formar leitores mais ativos, num mundo em que a leitura de diversos gêneros se faz tão necessária.

Para as autoras, é difícil entender a articulação sempre instável entre as novas formas culturais, as novas preferências dos jovens e o que se mantém como uma referência fundamental. O fato de que os textos lidos pelos adolescentes no computador ou em outros suportes textuais da atualidade, como o celular, não pertençam àquele repertório definido como literário não é necessariamente algo ruim. O problema está numa certa discrepância entre essa nova cultura e os modelos tradicionais de ensino. Esses modelos deveriam estar integrados para não dissociar o jovem do seu contexto social e escolar.

Em “O uso do celular como recurso didático”, Patrícia Roseane Borges de Lima (2012), especialista do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CINTED/UFRGS), afirma que o conteúdo de qualquer área de ensino pode ser explicado por meio de atividades experimentais, utilizando o celular como decodificador de mensagens. Ao longo do estudo, Lima mostra que autores diferentes defendem a utilização de mídias em sala de aula. Além das referências do estudo, a autora usa colegas como fonte, mencionando como o celular pode trazer benefícios didáticos para o planejamento de aulas mais interessantes.

Os resultados da pesquisa desenvolvida com professores mostram que eles têm consciência da importância do planejamento e da utilização de recursos tecnológicos em sala de aula. A pesquisa indicou também que os professores conhecem as tecnologias, mas ainda encontram dificuldade de manuseá-las de forma a inclui-las em sua didática. Durante a pesquisa com alunos, a autora percebeu que, ao longo dos dias, os alunos perderam o interesse de ficar manuseando o celular o tempo todo e passaram a compreender o objetivo do trabalho. A autora avaliou muito positivamente o celular como meio tecnológico acessível, principalmente por sua capacidade de envolver os estudantes.

A autora adotou como exemplo de interação o uso do QR Code, um aplicativo gratuito e acessível, contendo muitos recursos de referência rápida. A escolha do QR Code se deu por sua ampla utilização no cotidiano:

[...]está em todo lugar, nas revistas, jornais, remédios,

supermercados, cinemas, teatros, por isso é possível afirmar que este aplicativo está em nosso meio, e por este motivo devemos utilizar essa tecnologia como um recurso didático para a educação. O QR Code pode ser utilizado como apresentação de vídeos, respostas de provas, compartilhamento de informações, apresentação de sites. Os códigos podem ser um canal de comunicação entre professor e aluno. (LIMA, 2012, p. 37)

A autora comenta ainda que toda esta experiência adquirida no ensino médio pode facilitar a transição para a faculdade. O texto menciona o exemplo de uma universidade dos Estados Unidos que espalhou QR Codes pelo campus para ajudar calouros com mapas, vídeos e outros recursos. Uma das vantagens da utilização desses códigos é proporcionar uma maior interatividade do aluno em relação ao conteúdo estudado. Por fim, a autora afirma que esse tipo de atividade só será uma prática escolar se o professor se dispuser a planejar, entre suas aulas teóricas, também aulas práticas.

Maria Cristina Marcelino Bento, professora de Educação das Faculdades Integradas Teresa d'Ávila (FATEA), e Rafaela dos Santos Cavalcante (2013), Bolsista PIBIC-EM/CNPq/E.E.L.C.P., comentam em "Tecnologias Móveis em Educação: o uso do celular na sala de aula", o desafio dos educadores diante de tecnologias que são muito sedutoras para os estudantes, mas cuja introdução em sala exige uma série de cuidados. As autoras focam-se sobretudo em compreender qual a visão de um grupo de professores do Ensino Médio em relação ao uso do celular em sala de aula.

O método adotado por elas foi um estudo de caso, com professores que atuam no Ensino Médio, em uma escola estadual pública do Vale do Paraíba do Sul, em São Paulo, com abordagem qualitativa e quantitativa. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário. Segundo as autoras, para o grupo de docentes que participou da pesquisa, o celular pode ser um recurso pedagógico, ainda que proibido por um Decreto Estadual nº 52.625, de 15 de janeiro de 2008.

Os professores consultados afirmaram que o celular pode ser um recurso didático a ser utilizado em diferentes momentos na escola, desde que conste no planejamento do plano de aula do docente e da instituição escolar. Para isto é necessário que o corpo docente, as famílias e a escola comuniquem-se e promovam um trabalho colaborativo. Na conclusão do artigo, as autoras listam algumas das possibilidades do uso do celular na

escola, como calculadora, conversor, cronômetro, tradutor, dicionário, câmera, filmadora, e mesmo o acesso à internet ali disponível.

Em “O Celular na Escola: Vilão ou Aliado!”, Sansão Albino Timbane, Margarete Axt e Evandro Alves (2015), docentes da área de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), refletem sobre os benefícios e desafios que as mídias digitais móveis podem trazer e representar para a educação. Nele, são analisados depoimentos de professores, de três escolas públicas do ensino médio, do Sistema Nacional de Educação de Moçambique, relativamente à utilização do celular como ferramenta de apoio pedagógico junto aos seus alunos.

Para os autores, a escola precisa contemplar no seu planejamento a utilização das tecnologias digitais disponíveis, de fácil aquisição e de maior popularidade, incluindo o celular. Os depoimentos dos professores, dos alunos e dos gestores escolares evidenciaram que o celular é um bom aliado no Processo de Ensino Aprendizagem no contexto escolar, se forem devidamente levadas em consideração as tarefas de aprendizagem a serem desenvolvidas pelos alunos, individual e coletivamente.

As propostas pedagógicas de professores isoladamente ou do coletivo da escola voltadas a esta problemática, podem representar uma possibilidade de viabilização de ações educativas que possam tirar proveito do potencial interacional do celular, aliado à Internet e às mídias sociais, para promover a aprendizagem de conteúdo escolar e dos demais aspectos da educação em geral. Tendo em vista a relevância de estudos sobre a utilização da tecnologia para a educação e por se tratar de um campo amplo e em constante transformação, que pode contribuir para a minimização das desigualdades socioeconômicas e políticas de uma comunidade escolar, os autores acreditam serem necessárias mais pesquisas sobre o uso das mídias móveis na escola, como ferramenta de apoio pedagógico vinculada a uma proposta metodológica que orienta a utilização e reflexão do seu uso nos contextos escolares específicos.

Estevon Nagumo (2014), mestrando em Educação na Universidade de Brasília (UnB), em “O uso do aparelho celular dos estudantes na escola”, comenta a disseminação do uso de celulares na sociedade e no ambiente escolar, afirmando que, neste cenário, a escola e os professores trabalham

para conseguir lidar com estudantes cada vez mais conectados.

A pesquisa realizada pelo *Twitter* com estudantes de todo o Brasil que mencionavam a palavra “Escola” em posts na rede social, teve como objetivo compreender as motivações e desdobramentos do uso do celular por alunos na escola. Ao se discutir a tecnologia na atualidade, para o autor, é importante compreender as disputas que estão em jogo. Desde a construção da internet para fins militares, o debate entre *software livre* e privado, passando pelas discussões no Marco Civil da Internet e chegando às manifestações de ruas, há em todos estes casos disputas que ocorrem entre grandes organizações e a sociedade civil. Neste cenário é importante educar politicamente os jovens para que não sejam somente consumidores e espectadores.

Para o autor, a normatização do uso do celular nas escolas estudadas tende a proibir o uso de celulares e aparelhos sonoros sob a alegação que isso irá prejudicar o andamento das aulas. Ele conclui, porém, que um amplo debate na escola para gerar um acordo sobre quando e onde usar o celular pode ter mais efetividade do que leis que impõem uma restrição de fora para dentro. Mais do que impedir que os alunos tenham acesso a todo tipo de informação pelo celular, faz-se necessário que a escola ensine seus estudantes a filtrarem e navegarem com mais consciência neste fluxo intenso de informações.

Segundo o autor, entender as motivações dos alunos para usarem seus aparelhos na escola deve ser outro ponto a ser explorado na educação. Em geral, eles utilizam seus celulares porque estão entediados, têm tempo livre, querem se comunicar e entrar nas mídias sociais. O tédio dos alunos pode decorrer de uma educação que pouco dialoga com sua cultura e seus interesses. O fato de eles já usarem seus celulares para trocarem informações poderia ser um meio de aprimorar a comunicação entre escola, alunos e comunidade escolar. Entender o interesse dos alunos no uso de mídias sociais pode dar pistas de como a escola pode se tornar um ambiente social melhor.

O texto afirma que, no geral, os estudantes indicaram mais a necessidade da conectividade do que mobilidade. Como todos os alunos pesquisados possuíam celular, há indícios de que eles seriam mais felizes com uma boa rede Wi-Fi liberada na escola do que com um programa de distribuição de *tablets*. O uso intenso destas ferramentas pelos alunos pode

trazer conhecimentos válidos para que a escola entenda sobre novas formas de comunicação e socialização. O autor afirma que há uma quantidade imensa de informações sobre a escola que os alunos estão disponibilizando nas mídias sociais que poderiam ser exploradas pela instituição de ensino para compreender detalhes desta relação.

Nas conclusões, o estudo aponta o professor como principal ator social que terá de lidar no cotidiano com esta prática dos alunos. Para além das regras, ele terá que coordenar os desdobramentos dessa dinâmica na sala de aula. O cumprimento de regras proibitivas que determinam a retenção do aparelho e sua devolução aos responsáveis pode gerar na sala um clima pior do que se o professor liberasse o uso. A alternativa é tentar aproveitar a tecnologia para fins didáticos, não sendo vista apenas como fator que pode ou não influenciar no desempenho dos alunos.

Segundo o autor, muitas vezes, a utilização de uma nova ferramenta tecnológica apenas reproduz um modelo tradicional e pouco significativo ao aluno. Os celulares podem ser explorados como forma de gerar mais facilidade e conveniência para algumas atividades didáticas já realizadas, sem necessariamente carregar um conceito de transformar a educação. O professor e a escola devem trabalhar para que essa tecnologia possa ser utilizada pelos alunos de forma consciente e ética. É necessário ensiná-los que poder acessar as informações por um celular onde e quando quiserem não significa que eles devam fazer isso a todo momento:

Como o uso desses aparelhos faz parte hoje da construção da identidade desses jovens, a escola pode partir desse interesse para se aproximar desses estudantes. Menosprezar a cultura que os alunos trazem é desperdiçar uma oportunidade de diálogo e parceria. A escola pode trabalhar com os alunos para o uso consciente da tecnologia, dando base para uma sociedade mais colaborativa, inteligente e criativa. (NAGUMO, 2014. p.91)

Como vimos nas obras pesquisadas, quando se pensa em celular em sala de aula, o enfoque é principalmente o ensino fundamental e médio. O aparelho aparece, então, de forma contraditória: ora é um mal que se deve combater – com medidas extremas, como o recolhimento do dispositivo pelo professor, até normas mais moderadas, como o estabelecimento de momentos em que seu uso é tolerado –, ou se estimular, incorporando-o ao ensino-aprendizagem. Embora seja muito defendido como uma tecnologia de ensino, há poucos exemplos práticos dessa utilização. Aparentemente essa defesa é uma defesa de princípios, e não uma avaliação dos resultados de experimentos já realizados.

Outros estudos tentam compreender o celular à luz de uma nova cultura: a da mobilidade e da instantaneidade, que contrapõe o mundo virtual ao mundo real. Reside aí, novamente, um olhar paradoxal para o celular – ele parece representar um ambiente sedutor e interativo e o docente deve se esforçar para conseguir, na sala de aula “parada e monótona”, pelo menos um pálido brilho dessa virtualidade. Tais estudos justificam o uso do celular pelos alunos porque a aula é entediante e o celular propõe conexões com diferentes mundos. Forma-se uma nova contradição: a promessa entre uma conexão e interação com o mundo virtual e um efetiva desconexão e isolamento do mundo real.

Por fim, uma outra contradição parece permear as conclusões desses trabalhos: a de que, bem ou mal, o celular em sala é inevitável. Diferentes culturas o utilizam da mesma forma, já que ele exerce sobre elas o mesmo fascínio. Nesse caso, a tecnologia parece determinística, não há como fugir dela, e o que se encontra fora é, sobretudo, obsoleto e atrasado.

Tais visões sobre o celular se inserem nos estudos da cibercultura, termo cunhado pelo sociólogo Pierre Lévy (1999) para a cultura surgida no final do século XX, marcada pela tecnologia, pela sociedade em rede e pela instantaneidade. O estudioso chama a atenção para o impacto trazido à educação em um mundo em que a técnica constitui a sociedade. Para ele, surge uma inteligência coletiva, marcada pelo acesso à informação, pela troca de conhecimentos entre diferentes atores, pela necessidade de abrir a sala de aula para o virtual – compreendido como toda “entidade desterritorializada, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e

locais determinados, sem contudo, estar ela mesma presa em um lugar ou tempo particular” (LEVY, 1999, p.47).

Já o teórico brasileiro Francisco Rudiger (2011) irá situar essa cultura dentro de uma discussão mais ampla e antiga sobre a tecnologia, em que ela aparece como redentora da humanidade, pois liberta o homem do fardo do trabalho, ou como seu algoz, pois pode, com o tempo, vir a substituí-lo. Percorrendo diversas correntes e diversos autores, Rudiger vê que os desafios de se pensar cibercultura, hoje, passam muitas vezes por observar seu lado político e seu lado humanístico.

No próximo capítulo iremos apontar os caminhos para o diálogo entre as perguntas formuladas, os autores lidos e as percepções de nossos estudantes. Iremos, enfim, discutir o método.

3 Capítulo 2

Os caminhos do método

Neste capítulo, explicaremos o método e as técnicas escolhidas para o desenvolvimento do trabalho, suas vantagens e desvantagens, bem como as estratégias utilizadas para a sua aplicação. Para responder às nossas questões-problema sobre quais as percepções de estudantes e docentes do uso do celular em sala de aula e como construir moderações e pactos sobre esse uso, o método de aproximação do objeto foi o dialético. Segundo Gil (1999), esse método caracteriza-se por valorizar as contradições e os conflitos e por ter uma visão totalizante do real. A escolha do método justifica-se pela premissa, desenvolvida durante as leituras, de que o celular não está isolado da cibercultura, mas se integra a ela, que por sua vez envolve as tensões de seduzir e ameaçar o sujeito, de prometer-lhe conexões e interações e de provocar, muitas vezes, de fato, um isolamento do “mundo real”. O tipo de pesquisa é exploratória, pois representa uma abordagem inicial do tema, com os objetivos de ser insumo para novos estudos e fomentadora de novas questões.

As técnicas de pesquisa utilizadas foram o questionário e as entrevistas semiestruturadas. Tais técnicas, segundo Duarte (2005), têm a vantagem de gerar dados primários, de ouvir os sujeitos e não somente apreender o que se diz sobre eles. As desvantagens apontadas são a falta de compreensão das questões, o desconhecimento das respostas ou ainda a falta de sinceridade, pois muitas vezes o entrevistado deseja provocar uma impressão positiva no entrevistador.

O questionário, para Gil (1999) pode ser definido como uma técnica de investigação social composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado.

Construir um questionário consiste basicamente em traduzir os objetivos da pesquisa em questões específicas. As respostas irão proporcionar dados ao pesquisador para descrever as características da população pesquisada (GIL, 1999). A linguagem utilizada no questionário deve ser

simples e direta para que o respondente compreenda com clareza o que está sendo perguntado. O autor não recomenda o uso de gírias, a não ser por necessidade de características de linguagem do grupo.

No questionário proposto por este trabalho, disponível no Apêndice A, foram levantados dados pessoais, informações sobre o uso do celular em sala de aula e opiniões acerca da integração entre tecnologia e educação de cada um dos participantes.

A estratégia adotada para aplicar o questionário nesta pesquisa foi a publicação em um grupo do *Facebook*, dedicado aos alunos de Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional. Após uma semana da publicação, o acesso ao questionário foi encerrado para análise dos dados de 72 participantes, de um universo de 320 estudantes.

Segundo Gil (1999), o questionário se diferencia da entrevista pela escala de resultados. Enquanto a entrevista pode trazer uma resposta mais aprofundada, e permite uma condução das perguntas enquanto se aprende as respostas, o questionário não é tão flexível, mas permite ao pesquisador atingir um número de pessoas muito maior durante um mesmo intervalo de tempo.

Apesar disso, ainda segundo o autor, a entrevista é considerada a técnica de coleta de dados mais flexível. Para compreender a importância da utilização da técnica da entrevista em um trabalho científico é necessário entender as vantagens desta técnica frente a outras formas e procedimentos para obtenção de informação, assim como apontar algumas desvantagens ou limitações da sua utilização.

Para o autor, é importante deixar o entrevistado à vontade, criar, desde o primeiro momento, uma atmosfera de cordialidade e simpatia, garantindo o sucesso da entrevista. O entrevistado deve sentir liberdade de qualquer coerção, intimidação ou pressão por parte do entrevistador ou ambiente.

O registro das respostas é outro ponto crucial na aplicação da entrevista, ele determina o sucesso ou fracasso da coleta de dados. Segundo Gil, não adianta uma aplicação criteriosa e perfeita da técnica se o registro das respostas for feito sem precisão ou pouco acrescentar à pesquisa:

O único modo de reproduzir com precisão as respostas é registrá-las durante a entrevista, mediante anotações ou com o uso de gravador. A anotação posterior à entrevista apresenta dois

inconvenientes: os limites da memória humana que não possibilitam a retenção da totalidade da informação e a distorção decorrente dos elementos subjetivos que se projetam na reprodução da entrevista. (GIL, 1999, p. 120)

Além das vantagens apresentadas, Gil considera que, se comparada com a técnica do questionário, a entrevista apresenta outras vantagens, entre elas

[...]possibilita a obtenção de maior número de respostas, posto que é mais fácil deixar de responder a um questionário do que negar-se a ser entrevistado; oferece flexibilidade muito maior, posto que o entrevistador pode esclarecer o significado das perguntas e adaptar-se mais facilmente às pessoas e às circunstâncias em que se desenvolve a entrevista; possibilita captar a expressão corporal do entrevistado, bem como a tonalidade de voz e ênfase nas respostas. (GIL, 1999, p.118)

Apesar das vantagens apresentadas, a entrevista, por si só, não garante a fidelidade dos dados e informações coletadas. Ela deve ser utilizada em conjunto com outros métodos de coleta de dados para que os resultados esperados possam ser confiáveis e retratarem realmente o universo no qual está inserido o objeto da pesquisa.

A entrevista apresenta, no entanto, algumas desvantagens ou limitações que fazem de seu uso, em determinadas circunstâncias, menos viável do que outras técnicas de coleta de dados. Entre as desvantagens estão

[...]a falta de motivação do entrevistado para responder as perguntas que lhe são feitas; a inadequada compreensão do significado das perguntas; o fornecimento de respostas falsas, determinadas por razões conscientes ou inconscientes; inabilidade, ou mesmo incapacidade, do entrevistado para responder adequadamente, em decorrência de insuficiência vocabular ou de problemas psicológicos; a influência exercida pelo aspecto pessoal do entrevistador sobre o entrevistado; a influência das opiniões pessoais do entrevistador sobre as respostas do entrevistado. (GIL, 1999, p.122)

Para Jorge Duarte (2005), a entrevista em profundidade é muito útil em estudos do tipo exploratório, sendo uma técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada (DUARTE, 2005). Essa técnica de pesquisa permite que o informante defina os termos da resposta e que o investigador recolha as informações a partir da experiência

subjetiva da fonte. A abordagem possibilita o mapeamento de uma situação ou campo de análise através de relatos da interpretação e experiências.

Seguindo os conceitos de Duarte e Gil, decidimos elaborar entrevistas em profundidade com docentes da Faculdade de Comunicação e com estudantes das habilitações de Comunicação Social do período diurno. No período noturno adotou-se o questionário, pois o autor é identificado e identifica-se como sendo desta habilitação, o que poderia tornar constrangedor, para o entrevistador e para os entrevistados, a aplicação de uma entrevista face a face.

Foram feitas entrevista semiestruturadas com três docentes da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, de um universo de aproximadamente 60, embora mais de 10 professores tenham sido abordados. O baixo número de respostas deve-se ao fato de que a disponibilidade, no fim do semestre, era muito baixa, já que a realização e a correção de provas e trabalhos e as atividades administrativas, burocráticas e de gestão costumam se acumular neste período.

Sete estudantes das três habilitações do curso de Comunicação Social do período diurno, de um universo de 480, foram entrevistados. O critério para a escolha dos entrevistados foi a disponibilidade: abordamos os presentes no Centro de Convivência da FAC e, após várias recusas, chegamos a esses estudantes.

A duração de cada conversa foi de aproximadamente 15 minutos. Para que fossem informais e descontraídas, todas as entrevistas foram realizadas em locais escolhidos pelos próprios sujeitos. Tal procedimento foi adotado porque, para atingir a profundidade desejada, é fundamental que os entrevistados se sintam à vontade para revelar ao pesquisador suas opiniões, pensamentos e sentimentos. A entrevista era conduzida tendo como base um roteiro específico, um para professores e outro para alunos, que contemplavam os objetivos exploratórios da pesquisa. Perguntas também eram formuladas durante a própria entrevista. Os roteiros eram compostos de perguntas abertas. As perguntas do roteiro dos professores são apresentadas, na íntegra, a seguir: O uso do celular pelos alunos durante a aula é um problema? Você acha que a proibição do uso do celular durante a aula é benéfica? Você integra as novas tecnologias, em especial o celular, à didática

da sala de aula? Você possui alguma história marcante acerca dessa relação entre aluno e professor quanto ao uso do celular? As questões do roteiro dos alunos são apresentadas, na íntegra, a seguir: o uso do celular pelos alunos durante a aula é um problema? Você acha que a proibição do uso do celular durante a aula é benéfica? Como você acredita que os professores podem integrar as novas tecnologias à didática da sala de aula?

Todas as entrevistas foram integralmente transcritas e, em seguida, submetidas à análise. As respostas de cada um dos entrevistados foram analisadas como um único conjunto dentro do qual procura-se detectar possíveis conflitos de opiniões e inconsistências entre respostas.

No próximo capítulo, discutiremos, à luz das leituras realizadas, as respostas encontradas.

4 Capítulo 3

Desvendando o silêncio

A seguir, relataremos e analisaremos as entrevistas realizadas com docentes e discentes da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Segundo o seu site (FAC, 2016), ela foi criada pelo jornalista Pompeu de Sousa em 1960, e é a segunda instituição mais antiga da área no país. Divide-se nos cursos Comunicação Social (Diurno), com as habilitações de Publicidade e Audiovisual, com 44 vagas oferecidas por semestre, Jornalismo, com 22 vagas oferecidas por semestre, e Comunicação Social (Noturno), com habilitação em Comunicação Organizacional, a primeira do país, com 40 vagas semestrais. A Pós-graduação oferece Mestrado e Doutorado, nas linhas de Jornalismo, Imagem, Som e Escrita, Teorias e Tecnologias da Comunicação e Políticas de Comunicação, Sociedade e Cidadania.

A FAC já recebeu os prêmios mais prestigiosos do país, e tem avaliação máxima pelo MEC nas habilitações de Jornalismo e Comunicação Organizacional.

4.1 Questionário

O primeiro instrumento a ser aplicado foi o questionário, destinado a conhecer os participantes do turno noturno e saber as opiniões a respeito do uso do celular na sala de aula. O questionário, conforme mencionado na metodologia, foi aplicado a 72 informantes, alunos do curso de Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, uma amostra de 22,5% em relação ao universo de 320 alunos. A partir do questionário, foram obtidas algumas informações sobre os participantes da pesquisa, a saber, dados pessoais, hábitos, atitudes e opiniões em relação ao uso do celular durante as aulas. Para obter essas informações, dividimos o questionário em quatro blocos: 1) Identificação dos participantes da pesquisa; 2) como usam o celular durante a aula; 3) como veem o impacto do celular na sala de aula; 4) como integrar o celular à didática da aula.

4.1.1 Identificação dos participantes da pesquisa

Os participantes da pesquisa estão bem divididos em questão de gênero. 52,8% são do gênero masculino e 47,2 do gênero feminino. Foi optado por deixar a questão acerca do gênero aberta para que os participantes pudessem incluir a opção com o qual se identificam. A faixa etária dos participantes é homogênea, variando entre 19 e 24 anos. Quanto ao semestre de curso, a maioria dos participantes (44) está na primeira metade do curso, os primeiros quatro semestres; enquanto (28) estão na segunda metade, englobando do quinto ao oitavo semestres, além dos alunos que estão fora do fluxo.

4.1.2 Identificação de como usam o celular

O segundo bloco contém duas questões, a primeira refere-se à frequência com o qual os participantes usam o celular durante a aula; a segunda, sobre os aplicativos usados em sala de aula. Os dados da primeira revelam que a maioria dos alunos (47) utiliza o celular com muita frequência durante a aula (65,3%); já outra parte (25) alunos, pouco mais de um terço, utilizam o celular eventualmente. É importante observar que as respostas foram polarizadas entre pessoas que usam com muita frequência e que usam eventualmente, não havendo nenhum participante respondido outra alternativa, como mostrado no gráfico a seguir.

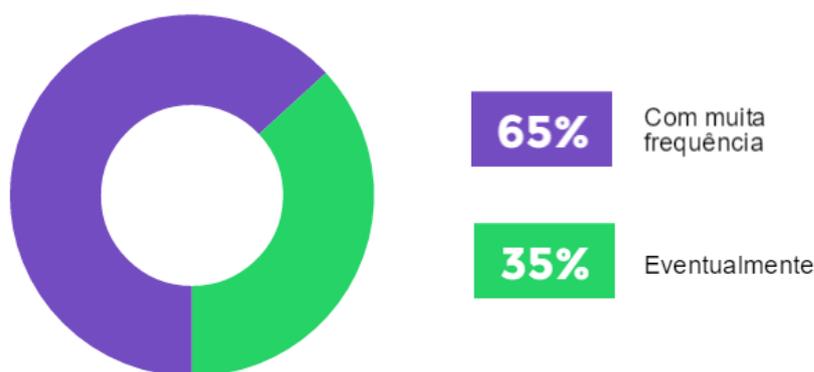


GRÁFICO 1 – Frequência do uso de celulares durante a aula

Em relação a segunda, os aplicativos mais usados durante a aula são o *Facebook* (67) com 93% de participação e o *WhatsApp* (64) com 64% de participação. O Gráfico a seguir mostra a porcentagem de participação de mídias sociais no uso do celular durante a aula.

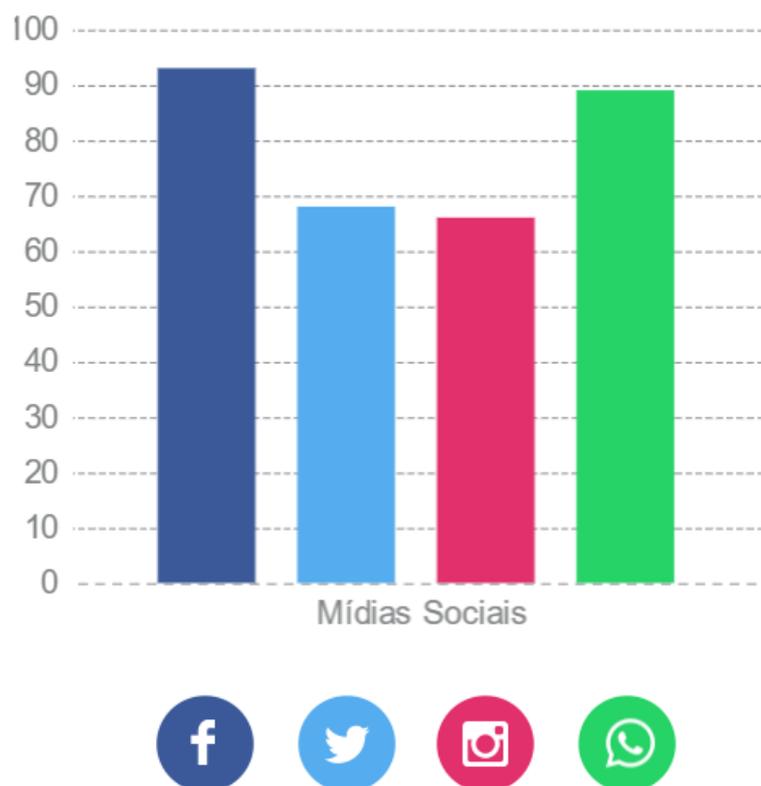


GRÁFICO 2 – Mídias sociais mais usadas pelos alunos durante as aulas

Ainda podem ser levantadas duas problematizações a respeito desses usos, a primeira diz respeito à relação de uso de aplicativos, divididos em assuntos da aula e assuntos pessoais, em que 70% dos alunos (50) utilizam aplicativos para assuntos não relacionados à aula. Os próprios alunos têm consciência disso e admitem o mal-uso. Vejamos as representações desses dados nos gráficos a seguir:

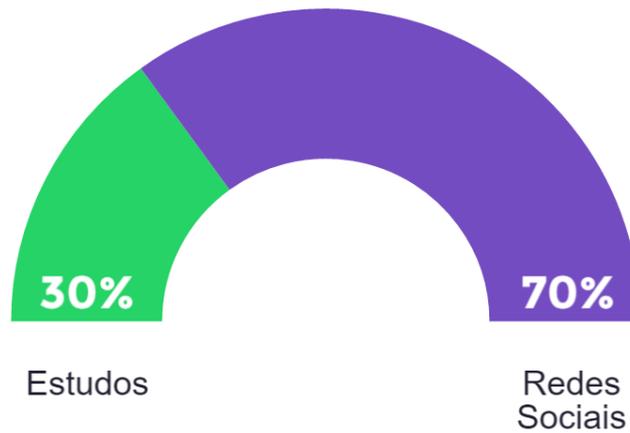


GRÁFICO 3 – Divisão do uso do celular entre aplicativos de estudos e aplicativos de mídias sociais

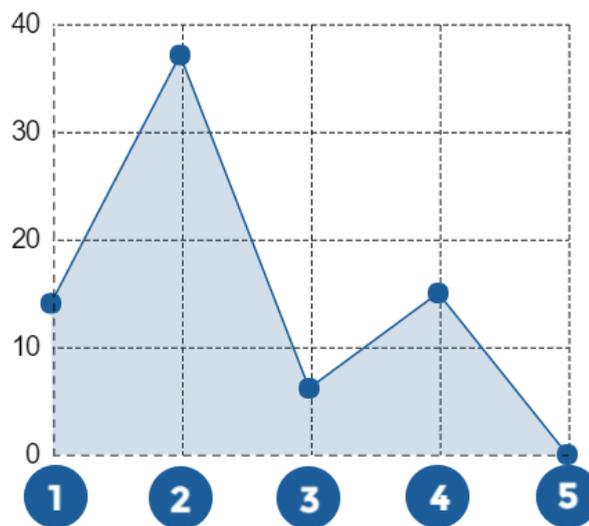


GRÁFICO 4 – Avaliação dos alunos acerca do próprio uso de smartphones durante a aula, em uma escala de 1 a 5, sendo 1 para assuntos pessoais e 5 para assuntos relacionados à aula

A segunda problematização levanta a ideia da diferença entre o funcionamento das quatro mídias sociais mais usadas pelos alunos durante a aula. O *WhatsApp* e o *Twitter* são aplicativos de mensagens instantâneas e curtas, o que pode representar um uso controlado por parte do usuário, pelo

envio e recebimento eventual de mensagens, tirando a atenção do aluno por um curto período de tempo, ao contrário de mídias sociais como o *Facebook* e o *Instagram*, que requerem uma imersão maior do aluno em posts multimídia que capturam a atenção do aluno por períodos mais prolongados.

4.1.3 Identificação do impacto do celular

No terceiro bloco os participantes responderam a respeito de como percebem o impacto do uso do celular no andamento da aula. A primeira pergunta focou entender como os alunos sentem o impacto em seu rendimento acadêmico. A segunda buscou entender a opinião dos alunos acerca do impacto de uma possível proibição do uso do celular na sala de aula. Os dados revelam que a maioria (46) dos participantes acredita que o uso do celular tem impacto neutro em seu rendimento acadêmico, enquanto o resto (26) acredita que o celular atrapalha pouco. Apesar disso, 45,8% (33) afirmam que uma possível proibição melhoraria um pouco o rendimento dos alunos. Esses dados estão expostos nos gráficos abaixo.

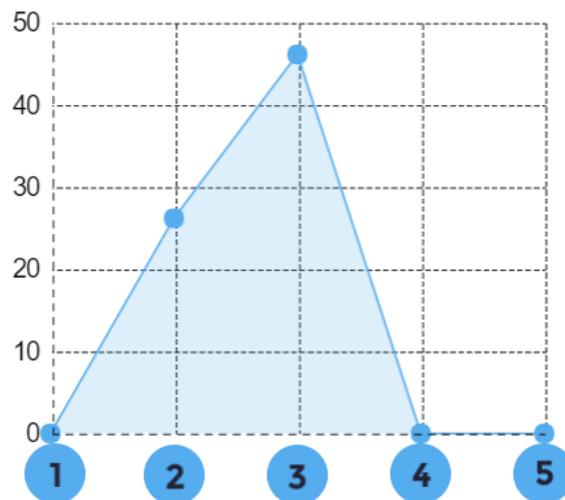


GRÁFICO 5 – Avaliação do impacto de smartphones e tablets no rendimento acadêmico durante a aula, em uma escala de 1 a 5, sendo 1 muito negativo e 5 muito positivo

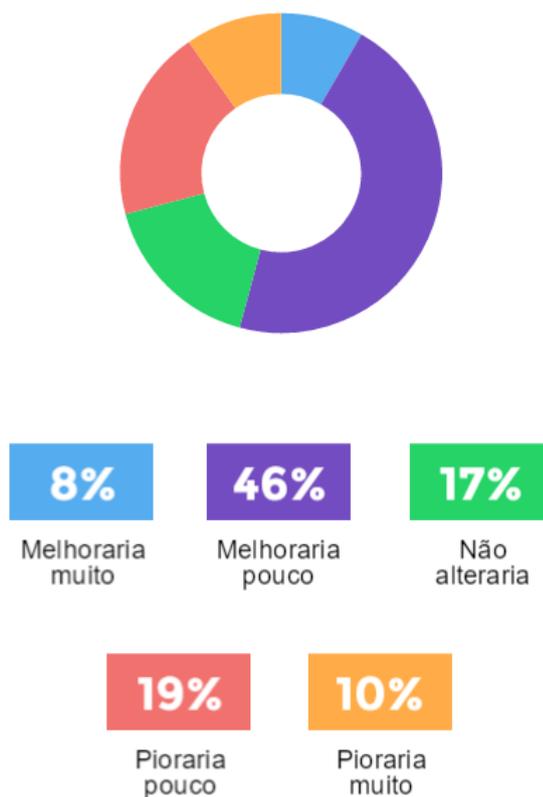


GRÁFICO 6 – Avaliação sobre o impacto da proibição do uso de celulares na sala de aula

4.1.4 Identificação de como integrar

No quarto bloco, os alunos foram questionados acerca de como o celular pode ser integrado à didática da sala de aula. Os resultados revelam que 54% dos alunos (39) acreditam que a inclusão do celular a didática da aula melhoraria o rendimento acadêmico, independentemente se muito ou pouco. Apresentamos o resultado no gráfico a seguir.

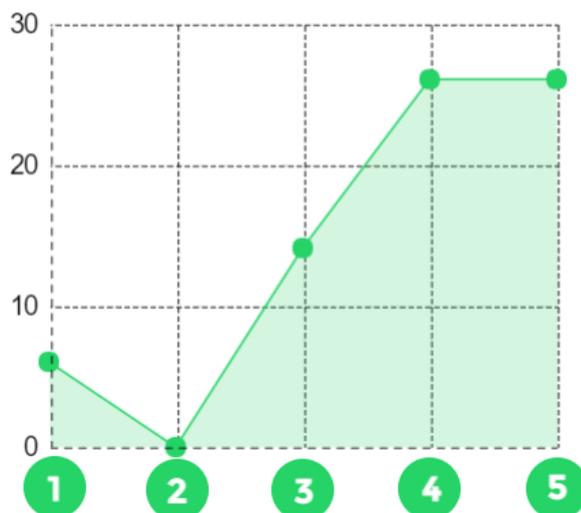


GRÁFICO 7 – Opinião sobre a inclusão de aplicativos no conteúdo programático dos professores, em uma escala de 1 a 5, sendo 1 pouco benéfico e 5 muito benéfico

Nas últimas duas perguntas, os alunos puderam sugerir aplicativos e projetos para executar essa integração entre o celular e a sala de aula. As respostas ficaram entre a sugestão apenas dos aplicativos *Moodle* e *Evernote*, e se concentraram entre pesquisa de temas relacionados à aula, compartilhamento de conteúdo e anotações sobre o assunto tratado.

4.2 Entrevistas com estudantes

Para Barbara Freitas, aluna do primeiro semestre de Publicidade e Propaganda, não é exatamente o celular que atrapalha, o problema é o que vem junto com o celular. Para ela, o celular é uma fonte muito grande de dispersão, “já que não vivemos em um mundo utópico. Pouquíssimos alunos realmente estão em sala de aula com vontade de aprender o máximo”. Para ela, poucos colegas não se dispersam, têm prazer de estudar e ir para as aulas, e mesmo essas pessoas mencionam algumas aulas de que não gostam muito e tem menos afinidade. O celular é um aparelho eletrônico que fornece infinitas possibilidades. Essas possibilidades são muito mais interessantes do

que prestar atenção no professor. Ela diz que esse é o problema do celular, ele provoca dispersão do conteúdo. “Deve haver um entendimento que o professor está passando aquele conteúdo porque ele é importante para o desenvolvimento do aluno. Em uma universidade o próprio aluno escolheu as matérias, o que o professor está falando é uma necessidade, é fundamental para o futuro, para a carreira do aluno”.

Ainda segundo ela, o celular oferece muitos benefícios para o estudo tanto fora quanto dentro da sala de aula. Diversos aplicativos podem ser usados tanto como facilitadores de aprendizado quanto organizadores da vida acadêmica.

Na fala da estudante, vemos um diálogo com o que a teoria nos ensinou, sobre um embate entre virtual e real. O virtual representa o prazer, a sedução, a autonomia, e o real, representado pelo “professor que fala”, deve ser tolerado porque é útil.

Segundo Letícia Andrade, aluna do primeiro semestre de Publicidade e Propaganda, o celular atrapalha sim as aulas, ainda mais se os professores não estão preparados para lidar com o assunto. “O celular hoje em dia é indispensável, os alunos precisam se comunicar, porém poucos têm discernimento da hora de usar, muitas vezes entre uma fala ou outra do professor um mostra um vídeo para o outro e isso atrapalha a aula”.

A aluna acredita que proibir não é a solução. “Muitos colegas sabem usar o celular e eles não devem ser punidos por causa dos outros”. Ela afirma que o celular traz muitos recursos que ajudam a não prestar atenção na aula. Os alunos se perdem no conteúdo achando que estão fazendo algo mais importante, conversando em mídias sociais com pessoas na própria sala. Segundo a aluna, deve haver uma responsabilidade maior quanto ao uso. Não vendo como resolver esse impasse, já que sem o celular existem outros métodos de perder a atenção, como recados de papel, brincadeiras e desenhos no caderno. O celular, por meio de aplicativos, permite tudo isso facilmente.

Letícia acredita ainda que o celular deve ser integrado à sala de aula. Muitas vezes os alunos usam o celular para pesquisar, apesar de alguns usarem as mídias sociais e esquecerem das atividades.

Observamos, nesta fala, o paradoxo da inevitabilidade. A estudante

critica o mal-uso do celular, visto como um elemento a mais para dispersar o aluno, mas não acha que ele deva ou possa ser proibido. O celular, da mesma forma como aparece nas leituras dos textos que fizemos, aparece como inevitável, um ator importante da contemporaneidade, que não se deixa ignorar. Destacamos, da percepção da estudante, que mesmo sem celular muitos estudantes se dispersariam.

Thays Martins, aluna do primeiro semestre de jornalismo, não vê o uso do celular como problema, mas como solução. Para ela, a tecnologia vem mudando o ambiente como um todo e a sala de aula não poderia ficar alheia a essa transformação.

A aluna diz que proibir o celular não deve ser pensado como solução. Pensar em como envolver a tecnologia na aula. O celular já está inserido na sociedade e proibir seria negar essa transformação, negar a própria evolução da sociedade.

Ela afirma usar o celular como meio de organização acadêmica, utilizando lembretes para organização de tarefas, mídias sociais para comunicação entre membros de trabalhos em grupo, leitura de textos e aplicativos para fazer anotações e acessá-las de qualquer lugar.

Também na leitura desta estudante, o celular é inevitável. Porém, sua fala se destaca porque o celular é visto como solução para a aprendizagem, como um facilitador do ensino, não como um problema. Podemos problematizar essa percepção, porém, já que os exemplos dados pela estudante são individuais, referem-se à rotina de uma aluna, e não parecem promover a conexão da sala como um todo à aula.

Já para Victor Barbosa, também aluno do primeiro semestre de Jornalismo, o celular não causa problema nenhum às aulas. Ele acredita que em um ambiente como a Faculdade de Comunicação, deve-se incentivar o uso de ferramentas da própria Comunicação. Os alunos estudam o uso das mídias sociais e o funcionamento das redes de comunicação, por isso é importante uma proximidade e contato com essas mídias.

O aluno acredita que uma proibição do uso atrapalharia muito. Como estudantes de Jornalismo, os alunos devem estar por dentro do que acontece no mundo e ter acesso à informação e opinião. Barbosa afirma que o uso, inclusive, ajuda muito no debate em sala de aula.

Ele afirma usar celular para estudar e se manter informado. A aula só tem a ganhar com a inclusão dos celulares e todos os benefícios que eles podem trazer. Mesmo quando os alunos estão usando aplicativos de mensagens, para o aluno, isso também é comunicação.

A percepção do estudante destaca o lado inevitável do celular. Sua visão sobre o tema é fortemente ancorada na cibercultura, já que o celular é visto como um aspecto importante e interessante do mundo social, profissional e acadêmico. Negar o celular é romper com esse mundo, é isolar-se das práticas culturais, sociais e profissionais da contemporaneidade, é afastar-se da própria Comunicação.

Para Thales Martins, aluno do primeiro semestre de Jornalismo, o celular pode ser um problema, dependendo do uso que se faz. Ele afirma que o maior problema é o aluno não saber a hora de usá-lo. Muitas vezes os alunos estão totalmente imersos no celular por toda a duração da aula, e isso a torna pouco participativa e impede a interação entre professor e alunos.

Segundo o aluno, é difícil dizer se proibir resolveria o problema. O celular ajuda na parte de pesquisa durante as aulas, mas ao mesmo tempo dá muitas opções de entretenimento rápido, desde jogos a troca de mensagens, então é fácil se perder nos aplicativos.

Ele afirma ainda que os professores já fazem o que é possível para integrar tecnologia ao aprendizado. Passam vídeos nos computadores, usam PowerPoint e enviam textos por e-mail. O celular funciona como um computador portátil, mais uma tela que pode armazenar esse conteúdo, se bem usado.

Observamos, nesta fala, outra vez o tom de inevitabilidade, e a concorrência entre real e virtual, como também vimos nas leituras que fizemos anteriormente.

Segundo Igor Machado, aluno do primeiro semestre de Audiovisual, o celular ajuda a tirar a atenção do que o professor fala, mas se o aluno quiser participar da aula, nem vai tocar no celular. Para ele, muitas vezes os alunos usam o celular para pesquisas relacionadas ao próprio conteúdo da aula, então depende muito do próprio aluno saber quando usar.

Ele acredita que proibir o uso de celular não seja a solução. Os professores devem entender que a tecnologia avançou e a aula não pode ser

como era antigamente no qual um quadro negro e um giz eram suficientes. Os jovens hoje são muito conectados com a tecnologia, então proibir, por proibir, não é a solução. Deve haver uma responsabilidade e entendimento das consequências que o uso exacerbado do celular na sala traz.

Para o aluno, uma alternativa que pode ser feita para integrar o celular à sala de aula é algo parecido com o que acontece com *tablets* em algumas escolas de ensino médio. O aluno pode entrar na rede Wi-Fi da escola e acessar páginas previamente selecionados pelos professores em algum site que concentre esses conteúdos e monte um sistema de acesso. Segundo ele, o ideal seria relacionar o uso do celular com o conteúdo aplicado nas aulas, mas é difícil controlar o uso de outros aplicativos que causam a dispersão.

João Cavalcante, também aluno do primeiro semestre de Audiovisual, acredita que o celular não é um problema. Para ele o celular é peça fundamental para cursos como o de Comunicação, muito ligados à interação entre pessoas e opções multimídia.

O aluno afirma que uma proibição do uso seria maléfica para a dinâmica das aulas. A busca por referências e ideias seria bastante prejudicada e quebraria a didática de mudança da própria aula. Cada aula deve ser vista como uma experiência de construção entre alunos e professores e esse dinamismo de participação e interação, fornecidos pelo celular como ferramenta, deve ser valorizado.

Ele acredita que o celular como meio de produção de conteúdo deve ser preservado principalmente no Audiovisual. A qualquer momento pode-se colocar em prática o que é passado em sala de aula. Conteúdo pode ser criado e disseminado com velocidade e contribuir para o aprendizado coletivo e individual dos alunos, aumentando a imersão no conteúdo das aulas.

Nessas duas falas, observamos um interessante movimento de se pensar a aula como uma construção coletiva, na qual a participação e a interação podem ser buscadas com o auxílio do celular, embora não haja fórmulas prontas, de sucesso garantido.

4.3 Entrevista com professores

Para Fernanda Martineli, doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, o celular não é um problema. Para ela, temos que pensar nos usos: em um debate em sala de aula, por exemplo, se não ajudar a integrar o aluno e não se relacionar com o tema, atrapalha.

Martineli acredita que a aula não é construída apenas pelo professor, mas também pelos alunos. Se alguém se isola no celular, usando para coisas pessoais, é ruim para a dinâmica da aula. Para ela, é um desafio pensar como lidar com isso na sala de aula, é difícil encontrar uma solução. Ao mesmo tempo que deve haver liberdade, a discussão passa pelo respeito aos colegas e participação na discussão.

Quanto às regras, a professora lembrou o fato de as salas de aula da instituição já contarem com placas que proíbem o uso do celular. Para ela as coisas devem ser conversadas, sendo um incômodo a ideia de proibição, mas admite ser difícil quando se tem uma turma grande.

Para Martineli, o aluno tem de entender seu papel fundamental na fluidez da aula. O professor não pode ficar com o encargo de brigar pela atenção do aluno a qualquer custo. Deve existir uma troca de responsabilidades e deveres entre alunos e professores para garantir o andamento da aula. Segundo ela, os professores não devem ser *showmen* e fazer malabarismos para chamar a atenção. A aula deve ser, nessa perspectiva, mais horizontalizada, e ao professor cabe dar um direcionamento às discussões.

Perguntada sobre a inclusão das novas tecnologias à didática da aula, ela afirmou que essa pauta ainda é pouco discutida tanto pela academia quanto entre os próprios professores. Um dos problemas, para Martineli, é a ambiguidade do uso. Ao mesmo tempo que o aluno pode estar anotando a disciplina, ele pode estar fazendo outras coisas. A decisão não deveria passar por uma dinâmica de controle, de proibição, mas por uma consciência de uso cabível em determinados momentos.

Ainda sobre a inclusão das novas tecnologias, a docente acredita que universitários em geral, alunos e professores, usam o celular para estudar. O celular, por ajudar na busca de livros, textos, palestras, sejam escritas ou em

vídeo, é uma ferramenta poderosíssima. Eventualmente são exibidos em sala de aula trechos de filme ou algum outro material de pesquisa, embora, para ela, isso não seja a redenção. Há muitas possibilidades, mas passar por uma obrigatoriedade do uso da tecnologia nem sempre é necessário. Martineli acredita que isso deve ser colocado de formas diferentes para disciplinas diferentes, para propostas diferentes, para professores diferentes, pois o uso necessariamente não traz mais densidade na discussão.

A professora não considera ter passado por nada marcante nessa relação entre celular e sala de aula. Porém, para ela, eventualmente as pessoas estão tão imersas no uso do celular que as feições evidenciam a falta de atenção ao que acontece. Para ela, é um incômodo quando isso acontece, a aula deve ser mais valorizada. Quando algum aluno está inerte, Martineli afirma que não toma conta da atenção desse aluno, nem tem interesse em fazê-lo, pois isso passa por uma consciência. Durante as aulas, eventualmente é pedido aos alunos que façam pesquisas sobre algo discutido, mas as pessoas nunca estão fazendo uma coisa só. A docente admite usar muito o *WhatsApp* para falar com os monitores e orientandos como uso mais recorrente, mas não acredita ter condições de usar essa ferramenta com todos os alunos. Já trabalhou, também, com grupos de disciplinas no *Facebook*, apesar de não considerar que a rede social se apresentou como uma boa ferramenta, sendo a experiência considerada como interessante até certo ponto.

Para a professora, um ponto positivo do uso das novas tecnologias no contexto das relações da sala de aula são as práticas do meio digital, que vêm dessa discussão das redes. Ela considera a internet como uma obra *hacker*, uma criação descentralizada, na qual se discute autoria, e destaca a importância de trazer esses assuntos para a sala de aula como debate. Considera, ainda, ser interessante quando o assunto se desdobra em prática, como quando alunos resolvem digitalizar os textos e compartilhá-los entre eles. Por fim, Martineli acredita que a tecnologia transforma a forma de estudar, trocar e compartilhar informações, além de ser facilitadora pelo preço do material literário.

Para Samuel Lima, graduado em Jornalismo e doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina, a questão do

celular na sala de aula é de difícil solução. Segundo ele, o celular é uma plataforma com maior foco no entretenimento do que no estudo. Isso dificulta a inclusão da ferramenta no ambiente da sala de aula.

O docente acredita que na sala de aula o celular ainda não é muito bem-vindo. É o sonho de qualquer professor que quer fazer qualquer tipo de trabalho que motive seus alunos, criar projetos ou criar atividades onde eles possam fazer uso de aplicativos. Existe certa resistência dos professores em lidar com esse tipo de tecnologia. Se o professor estiver aberto e disposto ele tem aliados nos próprios alunos para fazer funcionar esse projeto.

Segundo Lima, os alunos acham que podem fazer duas coisas ao mesmo tempo, e enquanto mandam mensagens, prestam atenção ao professor. A verdade é que ser uma pessoa multitarefa, segundo ele, permite fazer várias coisas ao mesmo tempo, mas não as fazer bem. O problema é que realmente só temos um canal de atenção, e “adicionar mais coisas para prestar atenção só vai engarrafar esse canal e você não vai fazer nada muito bem”.

O problema em sala de aula é que o aluno vai falar que estava ouvindo o professor explicar a matéria. Pode até ser verdade, mas ele não estará assimilando tudo como deveria e estará perdendo detalhes importantes naqueles meros segundos em que olha para o celular.

Quanto à proibição, o docente comenta que algumas escolas e professores têm regras rígidas a respeito do uso de celulares em sala de aula. Apesar de compreensível, a efetividade dessas proibições é discutível. Para Lima, mandar mensagens, entrar no Facebook ou atender ligações atrapalham o andamento da aula, mas a falta do aparelho inibe o estudante de fazer pesquisas sobre algo que não entendeu ou procurar algum conteúdo do que está sendo explicado. Além disso, para grande parte dos alunos, os celulares são como uma parte do corpo e ficar sem ele pode causar grande ansiedade e se tornar a distração em si.

Segundo o professor, deve haver uma responsabilidade maior dos alunos, mas é interessante o professor tentar fazer um plano de aula em que use a tecnologia junto com os jovens para motivá-los e ajudar a ter essa responsabilidade no uso. O problema ocorre porque os estudantes, de

maneira geral, já se habituaram a utilizar os celulares em todos os lugares e acabaram por banalizar o uso do aparelho, sem reflexão acerca da conveniência social em fazê-lo, alheios ao melhor interesse coletivo. De outro lado, educadores favoráveis ao uso de novas tecnologias como ferramentas pedagógicas reconhecem que o uso dos celulares em sala de aula só deve ser incentivado quando serve como ferramenta útil ao processo de aprendizagem, sempre sob orientação do professor. De qualquer forma, é inegável que, para boa parte dos alunos, os celulares possuem alto poder de atração, muitíssimas vezes maior que o da aula arduamente planejada pelo professor.

De acordo com Lima, a tecnologia não precisa necessariamente revolucionar a aula. Pode ser usada para ajudar professores e alunos a trabalhar conteúdos mais abstratos, por exemplo, ou facilitar o aprendizado. O professor destaca que no ensino de ciências exatas é onde estão a maioria das experiências bem-sucedidas de avanço com a tecnologia, justamente porque fica mais fácil para que alunos visualizem conceitos, transformem números e equações em gráficos digitais e vejam o resultado de seus experimentos.

Para Délcia Vidal, doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília, o quadro sozinho não funciona, os alunos são digitais. Não deve haver uma banalização do uso do celular. Ela acredita que há uma frustração com os alunos e os celulares. O uso de aplicativos durante a aula é uma distração, e torna muito mais difícil de ensinar. Segundo a professora, é muito difícil competir com um vídeo engraçado no *YouTube*.

A professora afirma que o celular em si não é o problema, qualquer coisa que chame a atenção na sala de aula atrapalha, seja uma festa próxima ao ambiente da sala ou um inseto que entre no espaço dispersa a atenção. O aspecto positivo ou negativo do celular depende do uso que é feito.

Segunda Vidal, os alunos usam o celular para visualizar todo o conteúdo eletrônico enviado, então proibir é complicado. Para ela, em vez de proibir, a instituição deve fazer uma campanha para mostrar aos alunos que enquanto ele está usando o celular, está perdendo conteúdo. Por outro lado, auxilia. Quando o professor dá aula, o aluno pode consultar rapidamente o celular, tirando dúvidas sobre o conteúdo. Por um lado, ele tira atenção do

aluno, por outro ele permite acesso à informação, como os textos usados na sala.

Perguntada sobre como incluir o celular na didática, a docente afirmou não usar especificamente o celular. Ela procura tornar a aula mais dinâmica com vídeos, estimular os alunos a consultarem no celular algo que faltou, e informalizar o ambiente.

Vidal menciona que vivencia momentos marcantes com o celular constantemente. Ela afirma que os alunos criam grupos no *WhatsApp* e se comunicam na volta do intervalo da aula, para conseguir responder à chamada. Para ela, chama a atenção a rapidez com que a informação é passada para todos os alunos.

Ela acrescenta que, infelizmente, o uso do celular, especialmente o uso para conversas telefônicas, atrapalha sim. A professora menciona um acontecimento vivenciado em 2011. Durante a aula, um aluno olhou no celular e viu que Steve Jobs havia morrido. Após comoção na sala de aula, os alunos perguntaram se poderiam ser liberados, ficaram pasmos, obrigando a docente a pausar a aula e liberar os alunos para tomarem água. Uma informação vista e compartilhada pelo celular. Segundo ela, como professora de Comunicação, é difícil proibir. Apesar disso, o celular não deve ser considerado problema. O aluno que não quiser prestar atenção desenha no caderno, dorme, procura fazer outra coisa. O celular apenas facilitou a dispersão para o aluno que não quer prestar atenção. O aluno que quer prestar atenção não tira o celular do bolso.

Observamos que as falas dos professores se assemelham a dos alunos, embora, no caso dos docentes, o otimismo tecnológico esteja mais atenuado. Sobressaem-se os aspectos contraditórios da cibercultura, em que a tecnologia até mostra a sua face mais encantadora, a sua possibilidade de ajudar na aula, mas o celular parece arriscado demais, incontrolável demais. Os exemplos sobre sua utilização por parte dos professores na aula são superficiais. Um ponto que se destaca é a crítica à falta de atenção, como se esta fosse um aspecto constitutivo de alguns alunos. Por fim, nesse cenário em que o celular, regras à parte, é um importante ator, a discussão passa a ser: de quem é a aula?

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS – Novas perguntas

Como vimos, os celulares estão presentes em sala de aula queiramos ou não. A análise de sua interferência deu origem a estudos nas áreas de Comunicação e Educação, sobretudo nos âmbitos dos ensinos fundamental e médio, focados na ótica do controle, expresso no binômio proibição/permissão. É frequente a premissa de que os celulares não devem ser desligados, mas utilizados pelo docente para transformar uma aula monótona em outra supostamente sedutora, já que agora iluminada pela técnica.

Essas leituras que acompanharam o recorte do objeto fizeram-nos optar pela análise do uso do celular em sala de aula em turmas de Comunicação. Não pretendíamos falar de um uso vitorioso, de uma proposta pedagógica bem fundamentada, mas de abusos, por futuros profissionais da área, que debatem e problematizam os meios de Comunicação. Se até estudantes de Comunicação parecem tão subjugados, o que falar de outros jovens? E como prevenir, remediar e negociar para evitar tais abusos?

E fomos ao método. O espaço da pesquisa foi a Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, escolhida pelo acesso, pela proximidade e também pela legitimidade na área, sobretudo em Brasília. Era necessário ouvir alunos e docentes desta Universidade, em busca de percepções, pistas, estratégias e propostas. Foram utilizados, de maneira exploratória, sem pretensões de generalização, entrevistas semiestruturadas e questionários. Um olhar quali-quantitativo, inspirado pela necessidade de deixar os sujeitos falarem.

As respostas mostram que nenhuma das partes consegue precisar um método de repensar e executar um novo modelo educacional que permita a inclusão do celular na sala de aula como parte da didática, embora haja essa aspiração. Na opinião da maioria dos professores e alunos da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília escutados por esta pesquisa, os problemas enfrentados hoje em relação ao celular em sala de aula se destacam em dois pontos. O primeiro ponto diz respeito a qual o uso que se faz do dispositivo. Aplicativos de mídias sociais como o *Facebook* e o *WhatsApp* aparecem como os principais responsáveis pela dispersão em sala de aula, mas também podem promover a interação entre os estudantes e os

professores. Aplicativos de ferramentas não desenvolvidos especificamente para a sala de aula, como a Agenda, são utilizados para realizar o planejamento acadêmico e podem contribuir muito para a melhora do rendimento. Pesquisar temáticas referentes à aula com o celular pode fomentar e aprofundar discussões ou ainda levar o estudante a um espaço paralelo, desligando-o da interação com colegas e docentes.

O segundo ponto discute a responsabilidade pela aula. Como apontado por vários entrevistados, não cabe somente ao professor a integridade do controle de qualidade da aula. O debate e a interação são fatores preponderantes e falta um esclarecimento maior quanto a essa importância. Professores e estudantes são responsáveis por fazer daquele momento curto e único uma troca.

As respostas encontradas reforçaram as leituras que identificaram a cibercultura como fomentadora de contradições: virtual/real; conexão/desconexão; expectativa/frustração. Alguns estudantes percebem os exageros, acham que é necessário resistir aos excessos, mas não sabem como. Outros defendem o celular, e apontam a necessidade de a aula se organizar em torno do dispositivo. Já os docentes enfatizam que o problema existe, a distração incomoda, a proibição não funciona e estratégias como passar vídeos e conversar com os estudantes sobre o tema atenuam uma falta de atenção constitutiva do ambiente acadêmico hoje, representada e reforçada pelo aparelho. Os entrevistados têm em comum um determinismo tecnológico, no qual o uso desta tecnologia é inevitável, e assim, seja na maior parte da aula ou em um momento específico, sempre alguém vai se ligar no celular e se desligar da aula.

Surgiram novas questões de grande força e contundência. Não se trata mais de como usamos os celulares e os impactos acarretados. Em uma perspectiva mais ampla da cibercultura, que não fala de impactos, mas da constituição de um outro olhar, de um outro estilo de vida e de outros valores, queremos saber: como os celulares nos usam? Como esses aparelhos/portais absorvem nossa atenção, pulverizando-a e redefinindo-a? Como pensar a atenção em tempos de mensagens, vídeos, e-mails, memes que querem continuamente a nossa adesão? E, por fim, como nos educar para a Comunicação em tempos de conexão/desconexão?

REFERÊNCIAS

- ALVES, Evandro; AXT, Margarete; TIMBANE, Sansão. **O Celular na Escola: Vilão ou Aliado!** Porto Alegre. 2015. Disponível em: <<http://www.tise.cl/volumen11/TISE2015/768-773.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2016
- BENTO, Maria C. M.; CAVALCANTE, Rafaela. **Tecnologias Móveis em Educação: o uso do celular na sala de aula.** ECCOM, v. 4, n. 7, jan. /jun. 2013. Disponível em: <<http://publicacoes.fatea.br/index.php/eccom/article/viewFile/596/426>>. Acesso em: 15 abr. 2016
- BELAND, Louis-Philippe; MURPHY, Richard. **Technology, Distraction & Student Performance.** 2014. Disponível em: <http://lpbeland.weebly.com/uploads/7/8/7/5/7875420/lpb_rm_mobilephone.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2015.
- CARVALHO, Nadja. **Da telinha do celular, pequenas mídias ditam um novo conceito.** Revista Culturas Midiáticas – Ano I, n. 01 – jul/ dez. João Pessoa. 2008. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/cm/article/view/11626/6666>>. Acesso em: 20 abr. 2016
- CORTEZ, Elizena; JUNQUER, Ângela. **As diversas mídias e o uso do celular na sala de aula.** 2010. Disponível em: <<https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/download/58/57>>. Acesso em: 13 abr. 2016.
- DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo. Atlas, 2005.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo. Atlas, 1999.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.
- LIMA, Patrícia. **O uso do celular como recurso didático.** Porto Alegre. 2012. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/102848/000919950.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2016.
- MIHAILIDIS, Paul. **A tethered generation: Exploring the role of mobile phones in the daily life of young people.** Mobile Media & Communication. 2014.
- NAGUMO, Estevon. **O uso do aparelho celular dos estudantes na escola.** Brasília. 2014. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/16856/1/2014_EstevonNagumo.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2016.

RUDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2011

UNESCO. **Diretrizes de políticas para a aprendizagem móvel**. 2014.
Disponível em:
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002277/227770por.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

WEIGELT, Diego. **Os Jovens e o Celular: o Poder da Comunicação Móvel**. XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. 2013.
Disponível em: < <http://portalintercom.org.br/anais/sul2013/resumos/R35-0425-1.pdf> >. Acesso em: 19 abr. 2016

APÊNDICE A - Questionário

Uso do celular em sala de aula

Esse questionário faz parte de um Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Organizacional. Sua opinião é muito importante, pois visa conhecer os hábitos dos alunos de Comunicação Organizacional da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é analisar o uso de *smartphones* e *tablets* durante a aula.

Todas as informações fornecidas são anônimas e serão utilizadas exclusivamente para a elaboração do TCC.

1. Semestre

2. Idade

3. Gênero

4. Com qual frequência você costuma utilizar *smartphones* e/ou *tablets* durante aulas?

Marcar apenas uma.

- Com muita frequência
- Eventualmente
- Com pouca frequência
- Não uso

5. Numa escala de 1 a 5, sendo 1 para assuntos pessoais e 5 para assuntos relacionados à aula, como você avalia o seu uso de *smartphones* durante a aula?

Marcar apenas uma.

1 2 3 4 5

6. Marque abaixo os aplicativos que você utiliza em sala de aula: *

Marque todas que se aplicam.

- *Evernote*
- *Email*
- *Facebook*
- *Instagram*
- Navegador web (*Chrome, Safari, etc.*)
- *Snapchat*
- *Wikipedia*
- *Whatsapp*
- *Twitter*
- Outro:

7. Numa escala de 1 a 5, sendo 1 muito negativo e 5 muito positivo, como você avalia o impacto de *smartphones* e *tablets* no seu rendimento acadêmico durante a aula?

Marcar apenas uma.

1 2 3 4 5

8. Como você acredita que a proibição do uso de *smartphones* e *tablets* em sala de aula alteraria o rendimento acadêmico dos alunos? *

Marcar apenas uma.

- Melhoraria muito o rendimento
- Melhoraria pouco o rendimento
- Não alteraria o rendimento
- Pioraria pouco o rendimento
- Pioraria muito o rendimento

9. Numa escala de 1 a 5, sendo 1 pouco benéfico e 5 muito benéfico, como a inclusão de aplicativos no conteúdo programático dos professores impactaria as aulas?

Marcar apenas uma.

1 2 3 4 5

10. Você sugere algum aplicativo que possa ser usado em sala de aula pelos professores para melhorar o conteúdo da aula?

11. Como você acredita que *smartphones* e *tablets* podem ser utilizados em sala de aula para melhorar o rendimento acadêmico dos alunos?